

04

Entre Silêncios e Desafios: Representações Sociais de Docentes sobre Diversidade Sexual na Educação Básica

Between Silences and Challenges: Teachers' Social
Representations of Sexual Diversity in Basic Education

Douglas Paulino Barreiros

Doutor em Ciências – Ênfase em Educação e Saúde na Infância e Adolescência (UNIFESP)

E-mail: douglas.paulino@unifesp.br

Joanderson de Oliveira Gomes

Professor Associado Aposentado da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Doutor em Enfermagem (UNIFESP)

E-mail: jrsbretas@gmail.com



Resumo

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa de doutorado, explorando as percepções, conhecimentos e práticas de docentes da Educação Básica em relação à diversidade sexual em contexto escolar. Baseado em entrevistas semiestruturadas com trinta docentes, o estudo investiga temas como identidade de gênero, orientação sexual e interações com alunos LGBTQIAPN+. Os resultados revelam que, embora reconheçam a importância de discutir essas questões em sala de aula, os docentes frequentemente evitam o tema devido a preocupações com falta de formação adequada e medo de conflitos com famílias e gestores escolares. Suas representações sociais são influenciadas por moralismos religiosos e concepções essencialistas de gênero e sexualidade. Este estudo destaca a necessidade de promover formação docente abrangente e inclusiva para lidar com questões de diversidade sexual na escola, visando uma educação mais equitativa e respeitosa da diversidade.

Palavras-chave: Diversidade Sexual; Formação Docente; Educação Sexual; Representações Sociais.

Abstract

This article presents a snippet of a doctoral research, exploring the perceptions, knowledge, and practices of Basic Education teachers regarding sexual diversity in

the school context. Based on semi-structured interviews with thirty teachers, the study investigates topics such as gender identity, sexual orientation, and interactions with LGBTIQIAPN+ students. The results reveal that, although they recognize the importance of discussing these issues in the classroom, teachers often avoid the topic due to concerns about lack of adequate training and fear of conflicts with families and school administrators. Their social representations are influenced by religious moralism and essentialist conceptions of gender and sexuality. This study highlights the need to promote comprehensive and inclusive teacher training to address issues of sexual diversity in schools, aiming for a more equitable and respectful education of diversity.

Keywords: Sexual Diversity; Teacher Training; Sexual Education; Social Representations.

1. Introdução

No contexto atual, em meio a intensas discussões sobre a suposta disseminação da “ideologia de gênero” nas escolas e os potenciais riscos que isso representaria para o bem-estar das crianças e adolescentes, assim como para a estrutura familiar (Bulgarelli, 2018), emerge uma pesquisa de doutorado realizada na Universidade Federal

de São Paulo (UNIFESP). Esse estudo surgiu como resposta às inquietações sobre a realidade enfrentada nas instituições de ensino marcadas pela disputa entre progressista e ultraconservadores acerca dos temas gênero e diversidade sexual (Bulgarelli, 2018).

Motivado não apenas pelas discussões em âmbito nacional, mas também pela vivência pessoal de um dos pesquisadores no contexto da Educação Básica, onde notou-se a presença marcante de preconceito e discriminação contra pessoas LGBTQIAPN¹, o estudo ganhou ainda mais relevância. Além disso, a experiência sindical do pesquisador em um Coletivo de Combate às Opressões, que percorreu, por sete anos, escolas localizadas na região periférica de Guarulhos-SP propondo formação docente em gênero, racismo e diversidade sexual, também foi um fator crucial na identificação da necessidade de investigação nessa área.

Durante as visitas às escolas, tornou-se evidente que a ausência de espaços para a discussão da sexualidade e diversidade sexual não era uma simples casualidade. Observou-se que essa lacuna era, na verdade, resultado de uma postura deliberada das equipes gestoras, apoiadas pelos grupos docentes. Essas equipes muitas vezes vetavam esse tipo de discussão em nome de legislações que não ofereciam clareza sobre quais eram, mas que impunham

1 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgênero, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias, Mais.

restrições à abordagem desses temas. Esse cenário levantou uma questão crucial: por que tais assuntos são sistematicamente silenciados no interior das escolas, mesmo diante dos evidentes processos de preconceito e discriminação? A falta de abordagem pedagógica nessas questões despertou um interesse em compreender as representações sociais dos docentes sobre essas temáticas e como elas influenciam diretamente suas práticas educacionais.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo apresentar as análises das representações sociais de docentes acerca da diversidade sexual em contexto escolar. Reconhecendo que as representações sociais são conhecimentos práticos para a ação (Moscovici, 2015), as análises dessas representações permitiram uma compreensão mais ampla dos motivos pelos quais os docentes tendem a silenciar sobre o tema da diversidade sexual na escola. Por meio dessa investigação, buscou-se promover reflexões sobre a necessidade de uma educação inclusiva e respeitosa da diversidade, bem como identificar possíveis caminhos para superar os obstáculos que impedem a discussão aberta e efetiva dessas questões no ambiente escolar.

A metodologia empregada na pesquisa foi de natureza qualitativa (Gil, 2021), visando explorar as representações sociais dos docentes acerca da diversidade sexual em contexto escolar. Para tanto, foram conduzidas entrevistas

semiestruturadas, as quais foram posteriormente analisadas à luz da Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2015) como um arcabouço teórico e metodológico. Além disso, utilizou-se a Análise de Conteúdo (Bardin, 2016) como procedimento de análise, permitindo uma compreensão mais profunda das percepções, conhecimentos e práticas dos docentes sobre o tema abordado. Essa abordagem metodológica foi escolhida com o intuito de capturar a complexidade das representações sociais dos docentes e seus impactos nas práticas educacionais.

As análises e discussões realizadas neste estudo foram embasadas em diferentes conceitos teóricos ao longo do trabalho, eliminando a necessidade de um subcapítulo específico para a apresentação exclusiva dos referenciais teóricos. Durante a pesquisa, os conceitos propostos por renomados estudiosos da diversidade sexual e de gênero, como Michel Foucault, Judith Butler, Guacira Lopes Louro e Richard Miskolci, permearam as reflexões sobre as representações sociais dos docentes acerca da diversidade sexual em contexto escolar. Também contribuíram para as análises diferentes estudos acerca da temática que alicerçaram as discussões conforme se verá. Essa abordagem possibilitou uma integração orgânica entre a fundamentação teórica e as análises empíricas, enriquecendo as interpretações e contribuindo para uma compreensão mais aprofundada do tema abordado.

Os resultados revelaram que as representações sociais dos docentes sobre diversidade sexual em contexto escolar estão amplamente ancoradas em moralismos, essencialismos biológicos e fundamentalismos religiosos. Essas representações influenciam diretamente a relutância dos docentes em abordar o tema em sala de aula, uma vez que muitos se sentem mal formados e temem falar algo errado. Além disso, há um receio significativo de possíveis controvérsias com familiares, gestores escolares e até mesmo governos. Esses medos e inseguranças, enraizados nas representações sociais dos docentes, acabam por perpetuar o silêncio em torno da diversidade sexual no ambiente escolar, contribuindo para a reprodução de discursos discriminatórios e excludentes.

Após essa introdução, o artigo segue apresentando os detalhes da metodologia empregada. Em seguida, são apresentados os resultados e discussões da pesquisa, que revelam as representações sociais dos docentes sobre diversidade sexual em contexto escolar. Na seção de discussões, esses resultados são analisados à luz dos referenciais teóricos. As considerações finais sintetizam os principais achados do estudo e apontam para a importância de uma educação inclusiva e respeitosa da diversidade sexual. Por fim, são apresentadas as referências bibliográficas que embasaram este trabalho.

2. Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa (Gil, 2021), fundamentada na Teoria das Representações Sociais, proposto por Serge Moscovici (2015) enquanto teoria e método, bem como nos procedimentos da Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2016). Para garantir a diversidade e pluralidade da amostra, foram entrevistados trinta docentes do ensino fundamental e médio, selecionados de forma intencional, levando em consideração diferentes critérios, tais como idade, tempo de atuação no magistério, formação acadêmica, religião e posicionamento político.

As entrevistas foram conduzidas mediante a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em conformidade com o projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP, sob o número de parecer consubstanciado 4.332.428. Para garantir o anonimato dos participantes, as entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente, sendo identificadas apenas por um indicativo de letra maiúscula “E” seguido do número correspondente à ordem em que ocorreram (E.1, E.2, E.3, etc.).

Os procedimentos metodológicos da análise de conteúdo foram aplicados às transcrições das entrevistas, seguindo etapas sistematizadas. Primeiramente, as transcrições foram submetidas a uma leitura flutuante para familiarização com os dados. Em seguida, foram identificadas

unidades de significado relevantes (unidades de registro e unidades de contexto), que foram agrupadas em categorias temáticas de análise. Essas categorias emergiram a partir das recorrências e padrões identificados nos discursos dos docentes e emergentes nos procedimentos acima descritos (Bardin, 2016).

Ao todo, foram delineadas nove categorias temáticas, as quais abarcaram as diferentes dimensões das representações sociais dos docentes sobre diversidade sexual em contexto escolar. Cada categoria foi então detalhadamente analisada, permitindo uma compreensão mais aprofundada das percepções, conhecimentos e práticas dos docentes em relação ao tema abordado (Moscovici, 2015).

3. Resultados e discussão

A homofobia e a transfobia no ambiente escolar representam desafios significativos devido à sua manifestação tanto de forma sutil quanto evidente, e suas repercussões negativas são bem documentadas na literatura científica. Estudos como o conduzido por Santos e Santos (2020) ilustram essa preocupação, ao realizar uma revisão sistemática abrangente sobre esses tipos de violências presentes nas escolas. Os resultados destacaram a presença desses fenômenos, principalmente de maneira sutil, e identificaram

a reprodução de informações que contribuem para a perpetuação desses problemas nos materiais educacionais.

Adicionalmente, ressaltaram a importância de uma reflexão aprofundada sobre a sexualidade nesse contexto, enfatizando a necessidade de uma abordagem mais abrangente dessas questões na formação docente e na prática escolar (Santo; Santos, 2020). Diante disso, a presente pesquisa busca investigar as representações sociais de docentes sobre a diversidade sexual em contexto escolar, como parte do esforço contínuo para enfrentar as homofobias e transfobias no ambiente educacional (Penna, 2018).

Quanto ao presente estudo, foram nove as categorias de análise que emergiram dos procedimentos metodológicos e refletiram a complexidade das representações sociais dos docentes sobre diversidade sexual em contexto escolar. Uma das categorias identificadas é a *Diversidade sexual, questão importante para a educação*. Nessa categoria, os docentes expressam a percepção de que a diversidade sexual é um tema relevante e necessário para a educação, reconhecendo sua importância para promover uma escola mais inclusiva e respeitosa da diversidade (Louro, 2017).

É fundamental considerar e incluir o tema da diversidade sexual nos Projetos Político Pedagógicos das escolas como parte integrante e importante, pois dizem respeito aos direitos humanos (Mello, 2017). Os professores

entrevistados, ao reconhecerem a importância de discutir gênero e diversidade sexual na escola, dialogam com essa questão, destacando a relevância de abordar tais temas para promover uma educação mais inclusiva, equitativa e respeitosa da diversidade.

Não tenho a menor dúvida que sim, é muito importante tratar disso na escola porque o que acontece? quando você está conversando com o aluno, o aluno tem um monte de dúvida com a questão de sexualidade ou questão de reprodução, não importa o assunto, ele tem. Tá entendendo?” (E.4) Eu acho importante, né?! Principalmente porque isso pode dar um norte para as crianças que às vezes podem não ter uma noção mais abrangente do que se trata quando veem os outros que são diferentes, né?! Tem de saber que a outra criança pode destoar em alguma coisa, sei lá, tipo ser diferente, fora da normalidade, sabe como é?! Então o futuro dessa criança pode se complicar (E.6).

Esses discursos refletem diferentes perspectivas sobre a importância de abordar a diversidade sexual na escola. O exposto pelo participante E.4, destaca a relevância de discutir a sexualidade na escola, reconhecendo que estudantes têm dúvidas e questionamentos sobre o assunto. O docente parece valorizar a abertura para diálogos sobre sexualidade e reprodução, sugerindo que a escola deve oferecer um espaço para esclarecer essas dúvidas e fornecer informações adequadas aos alunos.

A representação social emergente desse discurso é a valorização da comunicação aberta e da educação sexual na escola. O reconhecimento das dúvidas e questionamentos dos estudantes sobre sexualidade sugere uma visão que valoriza a transparência e a informação como formas de lidar com essas questões. Essa representação social está ancorada na percepção de que discutir a diversidade sexual na escola é algo importante para fornecer aos alunos um ambiente onde possam obter informações relevantes e esclarecer dúvidas, contribuindo para uma educação mais inclusiva e esclarecedora sobre esses temas (Silva; Campos, 2016).

Por outro lado, o discurso apresentado pelo participante E.6, ressalta a importância da educação sexual para fornecer orientação às crianças e evitar que se sintam deslocadas ou diferentes. O professor sugere que a falta de compreensão sobre diversidade sexual pode levar a criança a se sentir fora da normalidade e enfrentar dificuldades no futuro. Isso sugere uma preocupação com o bem-estar emocional e social dos alunos, reconhecendo a necessidade de inclusão e aceitação.

Analisando esses dois trechos à luz da teoria das representações sociais, podemos observar que ambos refletem visões sociais sobre a sexualidade e a diversidade, influenciadas por valores culturais e normas sociais. Enquanto o primeiro discurso enfatiza a importância de fornecer informações e esclarecimentos aos alunos, o segundo destaca

a necessidade de promover aceitação e inclusão. Ambos os discursos evidenciam a complexidade das representações sociais dos professores sobre diversidade sexual e sua relevância na promoção de uma educação mais inclusiva e respeitosa da diversidade (Silva; Araújo; Vieira, 2021).

É importante ressaltar que ao expressarem a importância de abordar gênero e diversidade sexual na escola, o grupo estudado se fundamenta na representação social que estabelece a heterossexualidade como a forma correta de sexualidade e o cisgênero como a expressão de gênero adequada. Esse posicionamento contrasta com as reflexões propostas pela teoria queer. Nesse sentido, referências contemporâneas, como as elaboradas por Judith Butler (2017), destacam que gênero e sexualidade são conceitos fluidos e performativos, em oposição à visão tradicional de que seriam estáticos e fixos.

De acordo com essa perspectiva, as identidades de gênero e as orientações sexuais são construídas através da repetição de padrões de comportamento e expressão socialmente reconhecidos e legitimados e que geram inteligibilidade dos corpos (Butler, 2017). Dessa forma, compreender a diversidade sexual e de gênero como fenômenos fluidos e performativos desafia as representações sociais tradicionais, ressaltando a necessidade de uma abordagem inclusiva e reflexiva no contexto educacional. A inclusão

de perspectivas contemporâneas e discussões filosóficas atuais sobre a questão na formação docente pode contribuir significativamente para uma compreensão mais ampla e crítica desses temas, possibilitando uma abordagem mais sensível e adequada no ambiente escolar, pois a homofobia na escola é um problema de todos (Junqueira, 2009).

Outra categoria temática que emergiu nas análises foi *Ideais conservadores e educação*. Nessa categoria, são exploradas as representações dos docentes acerca de ideais conservadores que influenciam suas práticas e percepções em relação à diversidade sexual. Esses ideais conservadores incluem o moralismo conservador, o essencialismo biológico e o fundamentalismo religioso, os quais permeiam as percepções dos docentes e moldam suas atitudes em sala de aula.

Esse contexto revela uma contradição com a categoria anterior, na qual os professores reconhecem a importância de discutir gênero e diversidade sexual na escola. A presença desses ideais conservadores pode gerar resistência ou ambivalência em relação a tais discussões, refletindo a complexidade das representações sociais dos docentes sobre diversidade sexual em contexto escolar.

Ninguém nasce de dois homens ou de duas mulheres, nem dessas outras pessoas esquisitas aí que nasce de um jeito e quer virar do outro, sabe?! Então, assim, falar o

certo não quer dizer que a gente não deve de respeitar os outros que querem ser diferentes (E.1).

A heterossexualidade sim é uma continuação normal do sexo que a pessoa nasce, né. Nasce homem e fica assim, homem mesmo. E da mulher é a mesma coisa; nasceu mulher biológica e curte, vamos dizer assim, se relacionar com homem. Eu penso que é isso, né. Uma questão natural mesmo que vem lá da natureza e segue assim. Sem discriminar ninguém, tá entendendo? Mas o que é certo é certo, né. Mas que nem eu falei antes cada um escolhe o que acha que é melhor pra si, não é mesmo?! (E.1) Como educador e como religioso, vejo a diversidade sexual como uma questão que desafia nossos valores fundamentais. Defendo uma abordagem que proteja os princípios morais e éticos, guiados pelos ensinamentos religiosos, para orientar nossos jovens diante dessas questões complexas (E.17).

Quanto a esses trechos analisados, eles refletem diferentes perspectivas sobre a diversidade sexual, a partir de representações sociais ancoradas em concepções de normalidade, biologia e moralidade. No primeiro discurso (E.1), observa-se uma visão binária e essencialista da sexualidade, na qual a heterossexualidade é considerada como a norma natural e correta. Expressões como “pessoas esquisitas” denotam uma atitude de estranhamento em relação a identidades não heteronormativas e transgêneras sugerindo uma compreensão dessas expressões como anormais (Foucault, 2002). Por outro lado, o discurso também sugere

uma tentativa de conciliação entre a ideia de “certo” e a necessidade de respeitar a diferença, indicando uma ambivalência em relação ao tema.

Por sua vez, em (E.1), o interlocutor reforça a ideia de que a heterossexualidade e a cisgeneridade são vistas como naturais e preestabelecidas pela biologia, corroborando uma visão essencialista da sexualidade e do gênero (Costa; Souza, 2003). Embora afirme que cada um tem o direito de escolher o que é melhor para si, o discurso reforça a noção de que existe um padrão de normalidade a ser seguido, o que pode contribuir para a marginalização e exclusão de identidades não normativas.

Da parte de (E.17) é revelada uma perspectiva fundamentada em valores morais e religiosos, na qual a diversidade sexual é vista como uma ameaça aos princípios éticos e morais. O interlocutor defende uma abordagem que priorize a preservação desses valores, sugerindo uma postura de resistência diante das mudanças sociais e culturais relacionadas à sexualidade. Essa visão reflete uma resistência às discussões sobre diversidade sexual na escola, com base em crenças religiosas e concepções tradicionais de moralidade (Fernandes; Souza, 2020).

Tais discursos dialogam com o histórico da Igreja Católica em relação ao ensino religioso e o papel das outras religiões na esfera educacional, antes de nos concentrarmos

no impacto do crescimento do evangelicalismo na interseção entre política estatal, moralidade empreendedora e alarmes sexuais nas disputas sobre políticas sexuais nas escolas. O grupo analisado expressa a complexidade dessas questões, diante do desafio contemporâneo de promover uma abordagem pluralista da sexualidade na educação (Carvalho, Sívori, 2017).

É importante ressaltar que o grupo estudado, contrariando falácias ultraconservadoras, não se enquadra em um perfil progressista e acolhedor da diversidade sexual, mas sim em um grupo conservador que não enfrenta desafios na promoção de uma educação inclusiva e respeitosa da diversidade. Essa constatação destaca a complexidade das representações sociais dos docentes sobre diversidade sexual e revela a necessidade de abordar as nuances e contradições presentes no ambiente escolar.

Os docentes também discutem sobre a diversidade sexual na categoria *Diversidade sexual: escolher ser diferente*, onde há uma prevalência da crença de que a heterossexualidade e a cisgeneridade são a norma, enquanto as expressões LGBTQIAPN+ são consideradas como não naturais, sendo vistas como escolhas individuais.

[...] a pessoa vai ter opções e quanta pessoa não vai experimentar e dizer “Opa, não é isso aqui que eu quero, eu vou é ser viado!” Então... isso é mesmo escolha de cada

pessoa, não tem essa de chegar e dizer que você pode doutrinar uma pessoa, isso pra mim é ficção, uma coisa que não existe porque cada um escolhe o que quer (E.22). Ah, eu sei que é uma variação da sexualidade normal que pode se desenvolver ou nascer com a pessoa mesmo. É uma característica da pessoa mesmo. Mas tem também muita gente que escolhe gostar do mesmo sexo. Se decepçiona com algum relacionamento ou sofre um trauma de infância daí faz a opção de ser homossexual, mas de qualquer jeito é uma situação muito triste, né?! (E. 17).

À luz da teoria das representações sociais e da análise de conteúdo, as falas dos entrevistados refletem diferentes perspectivas sobre a diversidade sexual e as representações sociais a ela relacionadas. A fala do participante E.22 sugere uma representação que enfatiza a liberdade individual na construção da identidade sexual, rejeitando a ideia de doutrinação e destacando a autodeterminação e auto escolha como elemento central na vivência da orientação sexual (Fernandes; Souza, 2020).

Por outro lado, a fala do participante E.17 aponta para uma perspectiva que reconhece a diversidade sexual, mas também sugere a crença de que a orientação sexual pode ser uma escolha consciente influenciada por experiências de vida. Ambos os discursos revelam representações sociais complexas sobre a diversidade sexual, que variam desde a visão da orientação sexual como uma característica

intrínseca até a percepção de que ela pode ser influenciada por eventos externos e escolhas individuais.

Na categoria *Diversidade Sexual e silenciamentos*, destaca-se que os docentes, apesar de reconhecer a necessidade, evitam discutir o tema em sala de aula devido a diferentes manifestações de medo. Eles não abordam a diversidade sexual, nem mesmo tentam fazê-lo, devido ao receio de não estarem bem formados sobre o assunto, temendo falar erroneamente soma-se a isso, o temor de sofrer represálias das famílias de estudantes, mas também sentem medo de sofrer penalidades por parte dos gestores escolares e retaliações governamentais (Lionço, Diniz, 2009).

A recusa dos docentes em abordar a sexualidade e a diversidade sexual na sala de aula muitas vezes reflete uma concepção restrita de seu papel como educadores. Muitos professores acreditam que sua única responsabilidade é ensinar conteúdos específicos de suas disciplinas, relegando questões relacionadas à sexualidade e à diversidade sexual a outras instâncias, como a família. Essa abordagem ignora o fato de que os estudantes trazem consigo para a sala de aula suas próprias vivências, dúvidas e inquietações pessoais, que podem ser fundamentais para seu desenvolvimento integral. Ao negligenciar essas questões, os docentes deixam de proporcionar um ambiente de aprendizado inclusivo e respeitoso, onde os alunos se sintam compreendidos e

apoiados em suas jornadas individuais de autodescoberta e aceitação num trabalho conjunto entre família e escola (Carvalho, 2004). Essa análise reflete a complexidade das representações sociais dos docentes sobre diversidade sexual e ressalta os desafios enfrentados na promoção de uma educação mais inclusiva e respeitosa da diversidade.

Porque pra falar dessas coisas tem de ter discernimento que é pra não tomar nenhum lado, sabe? Tem de ser bastante imparcial mesmo, que é pra não ter problema com a direção, com a família, sabe?! Eu não quero ser perseguido por causa disso, não. Fico meio ressabiado nessa questão aí (E.12).

Eu tenho o dever de ensiná-lo inglês, isso eu tenho dever, agora se ele vem me perguntar sobre sexualidade, se tem dúvidas sobre isso de diversidade sexual, esse horror da ideologia de gênero, eu devo falar “olha, vai perguntar isso pra sua mãe, pro seu pai, para um familiar seu”; “ah, mas eu não tenho ninguém em casa”; “então procure um médico, um psicólogo, um biólogo, agora eu não tenho essa tarefa, essa disposição nem obrigação de tratar isso com aluno, não. Definitivamente isso não é meu papel (E.27).

Quanto à categoria *É tudo ser humano*, os docentes buscam relativizar as diversidades sexuais e de gênero, destacando a importância de reconhecer a humanidade comum a todos, independentemente de orientação sexual ou identidade de gênero. Nesse contexto, ressaltam a necessidade de

promover uma visão mais ampla e inclusiva da humanidade, na qual as diferenças e diversidades sejam vistas como componentes secundários da condição humana.

[...]eu trato o ser humano como ser humano. Eu não vejo essa questão de diversidade sexual como algo importante pra se pensar, muito menos pra se tratar na minha sala de aula. Pra mim não interessa, pois todos somos iguais. Eu penso que o ser humano é um só e deve ser tratado com respeito independente da orientação, do pensamento, cor, raça, credo, religião, religião já é credo, né?! Mas enfim... independente dessas questões todas ele tem direito à educação, ao conhecimento e eu dou aula de inglês pra qualquer um eu não tenho isso de aquele é isso, aquele é aquilo, pra mim não tem diferença nenhuma. (E.12)

Essa fala reflete uma representação social que minimiza a importância da diversidade sexual, destacando a crença na igualdade entre todos os seres humanos. Ela expressa uma postura de neutralidade em relação ao tema, sugerindo que não vê necessidade de abordá-lo em sua sala de aula de inglês. Essa postura pode refletir uma visão simplista da diversidade humana, desconsiderando as nuances e desafios enfrentados por indivíduos LGBTQIA+ no contexto escolar. A narrativa parece enfatizar a ideia de tratamento igualitário para todos os alunos, independentemente de sua orientação sexual ou outras características. No entanto, sua

abordagem aparentemente evita reconhecer e lidar com as especificidades e desafios enfrentados por estudantes que pertencem a minorias sexuais.

Ao adotar essa perspectiva universalista, corre-se o risco de desconsiderar as experiências e realidades específicas das pessoas LGBTQIAPN+ e outras minorias sexuais e de gênero. Essa abordagem pode resultar na invisibilização das desigualdades e injustiças enfrentadas por esses grupos, negligenciando as disparidades sociais e estruturais que os afetam. Portanto, é essencial reconhecer e valorizar as diferenças e diversidades, não apenas como uma questão de respeito individual, mas também como um princípio fundamental para a promoção da justiça e equidade em nossa sociedade (Butler, 2015).

A categoria *A fragilidade da formação profissional em diversidade sexual e educação* discute as lacunas na formação dos docentes em relação à diversidade sexual, destacando que, como um todo, o grupo não recebeu uma formação adequada durante a graduação. A maioria dos entrevistados relatou que não houve disciplinas específicas sobre sexualidade e gênero durante a formação inicial, e aqueles que tiveram acesso a essas disciplinas geralmente as encontraram como optativas e optaram por não cursá-las.

Além disso, mesmo na formação continuada, o tema da diversidade sexual raramente é abordado, pois as gestões

e coordenações pedagógicas priorizam outras formas de capacitação voltadas para as avaliações externas e para a política de bonificação por resultados. Essa falta de formação acerca de gênero e diversidade sexual reflete-se nas representações dos docentes sobre diversidade sexual e evidencia a necessidade urgente de uma abordagem mais abrangente e inclusiva no contexto da formação docente.

Como disse, nunca tive esse tipo de formação lá na faculdade, não, igualadora depois de terminado os estudos da graduação que ninguém fala disso com a gente, só querem saber de currículo e cadernos do aluno que não tem nada a ver com nada. Isso é péssimo pra gente, sabe porque a gente não fala, ouve o que dizem da gente e fica tudo por isso mesmo. Mas estou numa fase que vou te dizer e acho, honestamente, que isso não tem a menor importância (E.2)

Nessa fala, o professor expressa uma ausência de formação sobre diversidade sexual durante sua graduação, destacando a falta de abordagem dessas questões nos currículos acadêmicos. Essa lacuna na formação é percebida como prejudicial, pois limita a capacidade dos professores de discutir e lidar com esses temas em sala de aula. Além disso, o docente revela uma postura de desinteresse e minimização em relação à importância da diversidade sexual na educação, sugerindo que essa falta de formação contribui para a perpetuação do silêncio e da inércia diante dessas

questões (Altmann, 2013). Essa fala reflete as representações sociais dos docentes sobre a diversidade sexual, que muitas vezes são moldadas pela falta de preparo acadêmico e pela ausência de discussões sobre o tema no ambiente escolar.

Os anormais na educação aborda as representações dos docentes sobre indivíduos considerados “anormais” em relação à sexualidade humana, destacando estigmas e preconceitos enfrentados por esses grupos no ambiente escolar. Entre esses grupos, as pessoas LGBTQIAPN+ são frequentemente rotuladas como “anormais”, mas especialmente as travestis, transexuais e transgênero são alvos de discriminação e marginalização (Butler, 2015).

Transgênero.... ah.... complicado. Então... transgênero? Não posso falar muito disso não, mas talvez é aquela pessoa que não quer seu corpo normal, mas deseja ter outro corpo, quer o corpo de outro sexo diferente daquele que nasceu. Tipo, não tem o corpo normal de mulher, então o cara vai fazer as mudanças necessárias pra ter um corpo que se aproxime daquele outro que ele gostaria de ter sido. É isso, uma anormalidade. Não digo física, mas da cuca da pessoa que fica assim confusa (E.19)

A fala acima expressa representações sociais que refletem visões normativas e patologizantes em relação à identidade de gênero transgênero. Ao associar a transexualidade à anormalidade e à confusão mental, ele revela uma compreensão

limitada e estigmatizante dessa experiência. Essas representações sociais refletem valores sociais dominantes que tendem a marginalizar e deslegitimar identidades de gênero fora da norma cisgênero (Butler, 2015).

Além disso, a fala sugere uma visão dicotômica e essencialista do corpo, na qual o corpo atribuído ao nascimento é considerado o “normal”, enquanto qualquer variação é vista como desvio, irregularidade ou anormalidade (Foucault, 2022). Do ponto de vista da teoria queer, essa fala revela a internalização de normas binárias de gênero e a perpetuação de uma lógica cisnormativa que reforça a ideia de que a identidade de gênero deve se alinhar estritamente com características biológicas atribuídas ao nascimento. Essa perspectiva contribui para a exclusão e a marginalização de pessoas transgênero, perpetuando estigmas e preconceitos em relação a essas identidades de gênero (Butler, 2017); (Foucault, 2022).

A partir dessa representação social da transgeneridade, as pessoas transexuais e transgênero são compreendidas como falsificações de homens e mulheres, com base em concepções essencialistas biológicas de gênero e sexualidade (Butler, 2017). Essas representações reforçam estereótipos prejudiciais e contribuem para a exclusão e o isolamento desses indivíduos dentro da comunidade escolar. A falta de compreensão e empatia em relação às experiências

das pessoas LGBTQIAPN+ perpetua a marginalização e a violência simbólica que enfrentam diariamente, comprometendo seriamente o princípio da equidade na educação.

Em *Escola e scripts sexuais, masculinidades e feminilidades*, são analisadas as representações dos docentes sobre os scripts sexuais e as identidades de gênero reproduzidos no contexto escolar. O grupo docente expressa a concepção de que apenas expressões heterocentradas e cisgênero são consideradas corretas, oportunas e admissíveis na escola, enquanto outras expressões de sexualidade e gênero são vistas como inadequadas e devem ser mantidas fora do ambiente escolar.

Por exemplo, dentro de uma sala de aula. Não é porque você gosta de homem ou de repente gosta de mulher, que você vai começar no meio de uma aula, dentro de uma sala de aula, começar a se esfregar, se abraçar. Não interessa quem, mas o modo de expressar em público não pode ser permitido nem pra uns nem pra outros. Você tem de seguir princípios morais básicos que tem na sociedade. Você não vai no meio de uma aula começar a beijar o namorado ou namorada, não importa. Pode ficar junto? Pode, claro que pode. Pode pegar na mão? Pode, claro que pode. Uma bitoquinha, assim, de leve, bem rapidinho? Pode, também. Mas entendeu, tem de ser uma coisa muito discreta, independente da pessoa que seja, pode ser meu namorado, pode ser meu marido, pode ser meu amante, não importa, tem de ter discrição. Um pouco de pudor, de consciência moral apropriado para uma sala de aula (E.28).

Nessa fala, o professor expressa representações sociais que refletem normas sociais e expectativas sobre comportamento e expressão pública de afeto. Ele estabelece limites claros para o que é considerado aceitável em uma sala de aula, independentemente da orientação sexual dos envolvidos. Essas representações sugerem a internalização de normas culturais que regem a expressão de afeto em espaços públicos, como a escola. Além disso, ao enfatizar a necessidade de discrição e pudor, o professor demonstra adesão a valores morais tradicionais e conservadores, que podem refletir representações sociais mais amplas sobre sexualidade e comportamento (Louro, 2016).

Do ponto de vista da teoria queer, essa fala evidencia a perpetuação de uma lógica heteronormativa que pressupõe a heterossexualidade como padrão e norma, enquanto outras formas de afeto são toleradas apenas se permanecerem discretas e não ameaçarem a ordem social estabelecida. Isso sugere uma rigidez nas normas de gênero e sexualidade, que limitam a expressão e a liberdade das pessoas LGBTQIAPN+ em ambientes públicos, como a sala de aula (Butler, 2015).

Essa postura reflete uma espécie de “pedagogia do armário”, na qual as pessoas LGBTQIAPN+ são incentivadas a esconder suas identidades e suprimir suas vivências para se conformar aos padrões sociais dominantes. Essas

representações contribuem para a reprodução de normas de gênero rígidas e reforçam a exclusão de indivíduos que não se encaixam nesses padrões, perpetuando assim a heteronormatividade e o cisnormatividade na escola (Junqueira, 2013).

Por fim, *LGBTQTQIA+ e as representações sociais* explora as representações dos docentes sobre as diversas identidades presentes na sigla, incluindo suas percepções, conhecimentos e atitudes em relação a esses grupos. As representações sociais dos docentes sobre diversidade sexual e de gênero são profundamente influenciadas por moralismos, conservadorismo, essencialismos biológicos e fundamentalismos religiosos.

[...] nunca tive nenhum aluno desse jeito assim não. Se tivesse a gente saberia, né?! Dá pra saber quando a pessoa tem um corpo masculino e tenta ficar feminino, não adianta, é questão de biologia mesmo. A não ser aqueles caras que fazem um monte de cirurgia e tudo mais. Mas se tivesse eu não teria uma rejeição porque sou professor de biologia, né, então nem tem como ter esse tipo de rejeição, a gente entende que tem gente desse jeito aí mesmo (E.3).

Nessa fala, a pessoa participante expressa representações sociais que refletem entendimentos tradicionais e binários sobre gênero e sexualidade. Ela associa a identidade

de gênero exclusivamente à biologia, sugerindo que a expressão de gênero está intrinsecamente ligada ao corpo físico. Essa perspectiva indica uma visão simplista e determinista das questões de gênero, ignorando a complexidade e diversidade das experiências humanas. Além disso, ao mencionar cirurgias como forma de transição de gênero, o professor revela uma compreensão limitada e estereotipada das experiências de pessoas transgênero, reduzindo-as a intervenções médicas (Louro, 2018).

No entanto, ao afirmar que não teria rejeição a estudantes transexuais por ser professor/a de biologia, ele/a sugere uma disposição para aceitar e compreender a diversidade de gênero, ao menos no contexto da sala de aula. Essa atitude pode indicar uma abertura para desconstruir representações sociais arraigadas e promover uma compreensão mais ampla e inclusiva das identidades de gênero.

Essas crenças moldam suas visões sobre as identidades LGBTQIAPN+ e influenciam suas atitudes e comportamentos em relação a esses grupos. O moralismo conservador muitas vezes leva à estigmatização e discriminação das pessoas LGBTQIAPN+, enquanto o essencialismo biológico sustenta a noção de que a heterossexualidade e a cisgeneridade são normativas e naturais, enquanto outras identidades são consideradas desviantes.

O fundamentalismo religioso também desempenha um papel significativo na formação das representações sociais dos docentes, promovendo visões intolerantes e excludentes em relação à diversidade sexual e de gênero. Esses elementos combinados criam barreiras significativas para a promoção de uma educação inclusiva e respeitosa da diversidade na escola.

Essas categorias temáticas proporcionam uma compreensão mais profunda das representações sociais dos docentes sobre diversidade sexual, revelando as complexidades e desafios enfrentados na promoção de uma educação mais inclusiva e respeitosa da diversidade.

4. Considerações finais

Os principais achados do estudo revelam uma complexidade de representações sociais dos docentes em relação à diversidade sexual em contexto escolar. Primeiramente, identificou-se que a partir das representações sociais dos docentes acerca da diversidade sexual em contexto escolar os docentes contrariam as falácias ultraconservadoras que acusam professores de disseminarem a “ideologia de gênero”. Antes, os professores se alinham ao ultraconservadorismo ao expressarem representações ancoradas em moralismos, essencialismos biológicos e fundamentalismos religiosos. Essas representações influenciam suas práticas

e percepções em relação à diversidade sexual, refletindo uma recusa em discutir ou abordar a temática na escola.

Além disso, observou-se uma categoria que ressalta a fragilidade da formação profissional em diversidade sexual e educação, indicando lacunas na formação dos docentes nesse sentido. A falta de abordagem sobre diversidade sexual durante a formação inicial e continuada dos professores contribui para a perpetuação de representações sociais conservadoras e dificulta a promoção de uma educação mais inclusiva e respeitosa da diversidade.

Outro aspecto relevante foi a identificação de representações que minimizam ou negam a importância de discutir gênero e diversidade sexual na escola. Muitos docentes demonstraram uma postura de indiferença ou desinteresse pelo tema, considerando-o desnecessário ou inadequado para o ambiente escolar.

Por fim, algumas representações sociais dos docentes revelaram uma compreensão limitada e estereotipada das experiências de pessoas LGBTQIAPN+. Isso foi evidenciado por meio de discursos que associam identidade de gênero exclusivamente à biologia, desconsiderando a complexidade das experiências de gênero e sexualidade. No entanto, também houve indícios de uma disposição para aceitar e compreender a diversidade de gênero, especialmente no contexto da sala de aula.

Esses achados destacam a necessidade de uma formação docente mais abrangente e inclusiva em relação à diversidade sexual e de gênero, bem como a importância de promover debates e reflexões sobre essas questões no ambiente escolar. A construção de uma educação mais respeitosa e inclusiva da diversidade requer o enfrentamento das representações sociais conservadoras e o estímulo a uma compreensão mais ampla e sensível das identidades de gênero e orientações sexuais.

Os resultados deste estudo são de extrema importância para a compreensão das mudanças e permanências nas representações sociais de gênero e sexualidade. Ao identificar e analisar as representações dos docentes sobre diversidade sexual em contexto escolar, o estudo fornece insights valiosos sobre como essas percepções estão evoluindo ou permanecendo estáticas ao longo do tempo.

Assim, os resultados deste estudo fornecem um panorama rico e multifacetado das representações sociais de gênero e sexualidade, destacando tanto as áreas de resistência quanto os sinais de mudança. Essas informações são essenciais para orientar políticas e práticas educacionais que promovam uma compreensão mais ampla e inclusiva da diversidade sexual e de gênero, contribuindo para a construção de uma sociedade mais igualitária e respeitosa das diferenças.

Para futuras pesquisas nessa área, sugere-se explorar mais profundamente os seguintes aspectos. Primeiro, realizar estudos longitudinais para acompanhar a evolução das representações sociais de gênero e sexualidade ao longo do tempo, permitindo uma compreensão mais abrangente das mudanças e permanências dessas percepções. Em segundo lugar, investigar o impacto de intervenções educacionais específicas, como programas de formação docente ou currículos inclusivos, na transformação das representações sociais de gênero e sexualidade entre professores e estudantes.

Além disso, é importante ampliar o foco da pesquisa para incluir não apenas docentes, mas também estudantes, gestores escolares, pais e membros da comunidade, a fim de entender como diferentes atores percebem e respondem às questões de diversidade sexual e de gênero. Por fim, realizar estudos comparativos entre diferentes contextos educacionais, como escolas públicas e privadas, urbanas e rurais, para examinar como as representações sociais de gênero e sexualidade variam de acordo com o contexto sociocultural e institucional.

Em termos de implicações práticas, as descobertas deste estudo sugerem algumas estratégias para promover uma educação mais inclusiva e respeitosa da diversidade sexual e de gênero. Primeiramente, é importante implementar

currículos escolares que incorporem discussões abertas e inclusivas sobre diversidade sexual e de gênero em todas as disciplinas, fornecendo recursos e materiais adequados para abordar essas questões de forma sensível e informada. Além disso, oferecer oportunidades de desenvolvimento profissional para professores, capacitando-os a lidar de maneira eficaz e compassiva com questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero, incluindo estratégias para criar um ambiente escolar seguro e acolhedor para todos os estudantes. Por fim, é essencial implementar políticas escolares que promovam a diversidade e a inclusão, bem como fornecer suporte institucional e recursos para enfrentar ativamente a discriminação e o preconceito com base na orientação sexual e identidade de gênero. Ao adotar essas direções de pesquisa e implicações práticas, as escolas podem desempenhar um papel fundamental na promoção de uma cultura de respeito, aceitação e celebração da diversidade sexual e de gênero, contribuindo para um ambiente educacional mais inclusivo e igualitário.

5. Referências

ALTMANN, Helena. “Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente”. Revista Latino-americana, v. 13, n. 8, p. 10-27, jul./dez., 2013.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. São Paulo: Editora 70, 2016.

BORRILLO, Daniel. Homofobia: História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BULGARELLI, Lucas. “Moralidades, direitas e direitos LGBTI nos anos 2010”. In: GALLEGO, Esther Solano. O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 97-103.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. “Corpos que Importam”. Sapere Audi, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 12-20, Jan./jul., 2015.

CARVALHO, Marcos Castro; SÍVORI, Horácio Federico. “Ensino religioso, gênero e sexualidade na política educacional brasileira”. Cadernos Pagu, Campinas, v. 10, n. 23, p. 179-199, jan./jul., 2017.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. “Modos de Educação: gênero, sexualidade e relações escola-família”. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, v. 34, n. 131, p. 41-58, jan./jul., 2004)

COSTA, Paula Regina Ribeiro; SOUZA, Diogo Onofre. “Falando com professoras das séries iniciais do ensino fundamental sobre sexualidade na sala de aula: a presença do discurso biológico”. Enseñanza de las ciencias. Barcelona, v. 1, n. 21, p. 67-75, jan./jul., 2003.

DIP, Andrea. Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira; SOUZA, Luciano Fernandes de. “Discursos político-religiosos com armas de guerra: heteroterrorismo em ação contra sexualidades dissidentes”. Revista Letrônica, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 1-14, abr./jun., 2020.

- FOUCAULT, Michel. Os anormais. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GALLEGO, Esther Solano; ROCHA, Camila. “Conservadores versus Movimentos Feminista, Negro e LGBT: um diálogo impossível”. In: GALLEGU, Esther Solano. Brasil em colapso. São Paulo: Editora UNIFESP, 2019, p. 61-74.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de pesquisa social. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da “ideologia de gênero”: um projeto reacionário de poder. Brasília: Letras Livres, 2022.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Homofobia nas escolas: um problema de todos”. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Brasília: Edições MecUnesco, 2009. p. 13-52.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Pedagogia do Armário: a normatividade em ação”. Revista Retratos da Escola, Brasília, v.7, n. 13, p. 481-498, jul./dez., 2013.
- LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. “Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual”. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres, 2009. p. 47-72.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- MARKOVÁ, Ivana. Dialogicidade e representações sociais. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MELLO, Paulo Eduardo Dias de. “Direitos Humanos e o projeto político pedagógico da escola”. In: SIQUEIRA, Lucília Santos. Direitos Humanos e Cultura Escolar. São Paulo: Alameda, 2017. p. 97-122.
- MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2015.

PENNA, Fernando. “O discurso reacionário de defesa de uma “escola sem partido”. In: GALLEGO, Esther Solano. O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 109-114.

SANTOS, Jean Jesus; SANTOS, Elder Cerqueira. “Homofobia e Escola: uma revisão sistemática da literatura”. Revista Subjetividades, Fortaleza, v. 20, n. 1, p. 21-44, jul./dez.,2020.

SILVA, Edna Aparecida da; CAMPOS, Carin Cozer de; “Os estudos da diversidade sexual na escola e suas contribuições para a formação docente”. Cadernos PDE, Londrina, v. 10, n. 12, p. 21-39, jan./jul., 2016.

SILVA, Sulene Rosa da; ARAÚJO, Eleno Marques de; VIEIRA, Vânia Maria de Oliveira. “A importância da abordagem de gênero e sexualidade no contexto escolar”. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 7, n. 4, p.945-671, jan./jul., 2021).